

janeiro  
fevereiro  
72

1972

ANO DA  
FIDELIDADE



POVO  
EVANGELHO  
MANDATO

MINHA VIDA  
NO ALTAR

SACRIFÍCIO PLENO PARA UMA OBRA CONSUMADA

**O**  
**MINISTÉRIO** adventista

## Este é o Momento

"MUITA gente me diz que uma velha amiga está morrendo. Eles acreditam que já é tempo que isto aconteça; depois de tudo, somente lhe faltam 60 anos para chegar aos dois mil anos."

Assim começa William Hadden um sermão sobre a igreja, reproduzido na revista *Pulpit Digest* (janeiro de 1971, págs. 27 e 28). "Ela nasceu em Jerusalém — diz o escritor. Seus primeiros anos foram dolorosos, às vezes esteve à beira da morte. Sua vida foi salva vez após vez pelo sangue de seus amigos." O pregador depois relata a história da Idade-Média, suas peripécias e enfermidades, até chegar a nossos dias. "Segundo a opinião de muitos, ela está gravemente enferma hoje. Suas maiores enfermidades são o secularismo e as doutrinas 'Deus morreu' e 'a igreja morreu.' Está tão próxima da morte que já se deve fazer planos para seus funerais." Esta é a conclusão que tiram muitos ao examiná-la — acrescenta o pregador.

Esta não é uma opinião isolada. Está na mente de muitos teólogos e dirigentes cristãos. No Sínodo Geral da Igreja Anglicana do Canadá, realizado em 1969, o bispo Ralph Dean declarou: "Não estou certo de crer mais na igreja, embora continue acreditando no corpo místico de Cristo. Dou à igreja como estrutura — e não estou falando somente da Igreja Anglicana do Canadá — mais dez anos de vida." "Já é demasiado tarde," conclui dizendo o bispo, pensando na possível reabilitação da igreja.

É certo. Para alguns parece que talvez já seja demasiado tarde. A religião tradicional está se fazendo em pedaços. Muitos seminários protestantes e católicos estão sendo fechados. As lutas internas estão dividindo e subdividindo igrejas. O desânimo e a deserção subsequentes estão separando do sacerdócio e do pastorado centenas de homens que tinham feito do ministério a obra de suas vidas. A negação das verdades básicas do Evangelho — catalogadas como simples mitos pelos teólogos avançados — estão minando os alicerces das estruturas outrora fortes. Babilônia bebeu de "cisternas rotas," bebeu "o vinho de sua fornicação," e agora adoece de morte, se desmorona.

Podem, não obstante cair as estruturas, mas o

Evangelho eterno, jamais. É impossível pensar no funeral do Evangelho, da igreja como o povo escolhido de Deus. Ela não morreu, não pode morrer.

A palavra inspirada nos fala de uma chuva do Espírito Santo que fará da verdadeira igreja, nos últimos tempos, uma potência maior ainda do que a que foi a igreja apostólica. Para nós como adventistas, os mais gloriosos eventos estão no futuro. Prometeu-se um despertamento maior do que o de Pentecostes ou o de 1844. Outros que fechem suas portas, nós devemos "alargar o espaço de nossas tendas e firmar bem as nossas estacas" (Isa. 54:2), já que muito breve "mais de mil serão logo convertidos num dia" (Beneficência Social, pág. 101). E esse milagre já está se realizando.

Ao percorrer os mais ocultos rincões da América do Sul e encontrar ali congregações adventistas, elevamos nossa voz em agradecimento a Deus pelo milagre que presenciamos. Ao escrever estas linhas estamos na União Norte-Brasileira, em Belém, na desembocadura do Amazonas. Ao navegar na lancha Luzeiro IV, um companheiro de viagem olhando na direção assinalada pela proa da embarcação disse, estendendo o braço: "Nesta direção este país tem mais de 3.000 km de florestas." Ao ouvi-lo pensamos: mais além das fronteiras a floresta continua. Espalhados aqui e ali ao longo do labirinto formado por tantos rios, há aviões e lanchas que levam a mensagem desta hora a cada povoador: há dezenas e centenas de igrejas com milhares de crentes que esperam com confiança o regresso de Jesus.

Mas além das selvas estão ainda o altiplano, os Andes, os vales costeiros, os pampas e as selvas de asfalto. Em cada lugar há crentes que oram e que trabalham pelo triunfo da verdade do Evangelho eterno. Em todos esses centros há ação, vigor, fé, vida.

Faz dois dias 140 moços e moças adventistas, estudantes universitários da região na qual estamos agora, reunidos em um congresso, tomaram um voto que reza assim: "Nós, estudantes universitários, renovamos nossa fé na mensagem adventista e nos consagramos a uma tarefa unida

com a igreja na conclusão da proclamação do Evangelho."

Um evangelista nos escreveu uma carta faz pouco contando as maravilhas que Deus estava fazendo na cidade em que estava dirigindo uma campanha de evangelização nesse momento. As satisfações eram tão grandes que de noite não podia dormir de alegria. Insônia causada pela alegria da vitória! Graças a Deus que não era a insônia provocada pela morte da igreja. Outro evangelista nos dizia: "Tinha pensado em ter só uma campanha grande por ano, mas decidi dirigir duas." Aquêlê homem passa de 6 a 7 meses por ano longe de sua família, mas sofre tudo, sabendo que é a hora da vida e não da morte da igreja.

Hoje realizamos uma maravilhosa viagem cuja recordação perdurará por muito tempo. O hidroavião missionário nos conduziu sobre o grandioso Amazonas, convertido agora em um verdadeiro mar pela desusada crescente. O panorama era grandioso. Mas o que mais nos impressionou foi ver aquêles templos e capelas, no próprio coração da selva, monumentos à vida da igreja. No entanto mais que nada ficaram indelêvelmente marcados as centenas de lenços brancos que de tôdas as casas adventistas saudavam a passagem de "seu avião," que práticamente tocava os telhados e as árvores.

E que diremos das centenas de obreiros anônimos que em grandes cidades ou em vilas e aldeias; viajando em aviões, automóveis ou cavalgaduras; pregando em grandes templos, tendas, casas ou choças, levam almas a Cristo, abrem novas frentes em lugares onde a mensagem não entrou ainda. Heróis ou heroínas que sabem que a igreja não deve morrer, não pode morrer, pois é este "o dia do seu poder" (Salmo 110:3).

Agora 1972 está pela frente. O começo do ano é uma época de férias merecidas para todo aquêlê que trabalhou intensamente. É quando se respira profundo, se revisam as armas de combate e se planeja a nova estratégia para a nova avançada. É o momento da avaliação do que foi feito no período precedente para aprender as lições que seus 365 dias nos ensinaram, 1972 deve ser o ano da COLHEITA UNIDA. UM ANO DE VIDA E AÇÃO.

Que significa isto? Primeiramente, é o ANO DA COLHEITA. Temos semeado em profusão. Se bem que muita semente tenha caído entre espinhos ou nos pedregais, também é certo que parte caiu em boa terra. Dela, temos colhido muito. Mas devemos reconhecer que parte ficou no campo, o vento a derribou, ou foi levada por outras mãos. Devemos colher os frutos da sementeira e fazê-lo a tempo. O que alcançamos até agora não está em harmonia

(Continua na pág. 20)



Órgão publicado bimestralmente pela  
Associação Ministerial da Igreja Adventista do  
Sétimo Dia

Editado pela  
Casa Publicadora Brasileira  
Santo André, São Paulo

Diretor — Rubén Pereyra  
Gerente — Bernardo E. Schuenemann  
Redator responsável — Carlos A. Trezza

Colaboradores especiais:

R. A. Wilcox e Enoque de Oliveira

Assinatura Anual ..... US \$ 3,00  
Número Avulso ..... US \$ 0,50

Ano 38	Janeiro-Fevereiro	N.º 1
--------	-------------------	-------

### NESTE NÚMERO

#### DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

Este é o Momento ..... 2

PLANO DE EVANGELIZAÇÃO — 1972 ..... 4

#### BASTARA APENAS LANÇAR A SEMENTE?

C. Dale Brusett ..... 6

#### COMO SER O CHEFE

J. L. Butler ..... 8

#### NOSSAS RELAÇÕES COM DENOMINAÇÕES RELIGIOSAS NÃO ADVENTISTAS

Mário Veloso ..... 12

#### NAO TER DE QUE SE ENVERGONHAR

Francisco Nascimento ..... 17

#### FALA UM MEMBRO LEIGO

Leonardo Cason ..... 19

#### PERGUNTAS SOBRE DOUTRINA

VÁRIOS CONCEITOS SOBRE O MILENIO .. 21

# PLANO DE EVANGELIZAÇÃO\*

## 1972

EM VISTA DA necessidade de mobilizar tôdas nossas forças em uma tarefa evangélica dinâmica, e

Em vista do entusiasmo demonstrado pelos obreiros em relação ao plano sugerido para o ano em curso e que está em marcha, foi

VOTADO, que a Associação Ministerial impulse o seguinte plano de evangelização através de tôda a Divisão:

1. Realizar 4 campanhas ceifadoras de uma semana de duração, segundo o seguinte calendário:

- |                        |          |
|------------------------|----------|
| a. SEMANA SANTA        | abril    |
| b. SEMANA DO OTIMISMO  | junho    |
| c. SEMANA DA JUVENTUDE | setembro |
| d. SEMANA DE DECISÃO   | dezembro |

2. Nos períodos que medeiam entre campanha e campanha, impulsionam-se planos de sementeira e colheita de acôrdo ao seguinte plano:

a. Antes da Semana Santa. Reuniões semanais para amadurecer os interêsses despertados na Semana de Decisão 1971, preparando o batismo de abril. Ademais, êsse período será usado para impulsionar a campanha da recolta, tirar férias, reparar igrejas etc.

b. Abril a junho. Campanha com o grande CONFLITO DOS SÉCULOS, incluindo sua distribuição e estudo sistemática em reuniões públicas.

c. Junho a setembro. Campanha com o livro EM SEUS PASSOS com participação de tôdas as forças juvenis.

\* Ver os gráficos nas páginas centrais desta revista.

d. Setembro a dezembro. Classes batismais intensivas para alcançar uma grande colheita na SEMANA DE DECISÃO.

3. Realizar pelo menos quatro batismos com datas fixadas de antemão e como ponto culminante das quatro campanhas de uma semana.

- a. Batismo de outono            abril
- b. Batismo de inverno        junho
- c. Batismo de primavera      setembro
- d. Batismo de verão           dezembro

4. Em harmonia com o voto DSA 70-660, inciso 3, letra b, preparar os seguintes materiais para serem usados na condução do presente plano:

- a. Chapinhas para ilustrar os temas.
- b. Chapinhas de corinhos e de anúncios dos temas.
- c. Manuais de instrução e com idéias para a preparação de sermões.
- d. Cartões de Decisão, de lembrança, volantes para atenção de visitas etc.

5. Com o objetivo de levar um registro mais fiel dos interessados nas diferentes campanhas, e para evitar o afastamento de muitos deles quando há mudança de obreiros, confeccionar um cartão standard de interessados para seu uso por tôda a Divisão.

6. Imprimir um CALENDÁRIO de atividades evangélicas contendo o plano sugerido, mês após mês.

7. Solicitar às Uniões que entreguem a seus obreiros, por ocasião das assembléias do fim de 1971, uma pasta para contróle de seu trabalho, provendo as Casas Publicadoras o índice já preparado.

8. Que o Ministério Adventista seja preparado de modo que vá acompanhando o plano em execução bimestre por bimestre, contendo anúncios, editoriais e artigos que ajudem na organização e desenvolvimento do plano.

9. Realizar uma campanha publicitária através das Revistas Adventistas, South America Today, boletins de uniões e de campos etc.

10. Fixar-nos um alvo ideal de 50.000 almas para 1972.

11. Para lograr êsse objetivo,

a. Que todos os obreiros, incluindo administradores, departamentais, professores, pessoal médico, pessoal de casas publicadoras, participem ativamente nas mencionadas campanhas.

b. Que organizemos e adestremos os leigos para sua participação ativa na condução de campanhas, em forma especial como pregadores nas igrejas ou em reuniões de bairro.

c. Procurar uma unificação de planos departamentais a fim de evitar interferências prejudiciais.

d. Que a ênfase nos temas, tanto espirituais como teológicos e práticos, a serem apresentados nas assembléias de fim de ano e início de 1972, seja colocada na mobilização de nossas forças para impulsionar o presente plano.

e. Que todos os irmãos da América do Sul sejam inspirados a orar durante as reuniões de oração de metade da semana, pelo derramamento do Espírito Santo durante 1972 na magna tarefa da conquista de almas.

# Bastará Apenas Lançar a Semente?

**C. DALE BRUSETT**

Evangelista da União da Flórida

**T**ENHO assistido a reuniões de obreiros em que, um após outro, se levantavam e citavam palavras que atribuíam à pena da Sra. White: "Tão-sòmente lançai a semente, e Deus dará a colheita." Como jovem, no início do ministério, eu cria implicitamente nessa afirmação. Posteriormente, porém, descobri que a Bíblia e o Espírito de Profecia não só impressionam o coração humano com a necessidade de lançar a semente, mas também acentuam a responsabilidade de ceifar a messe. Disse Jesus: "Sai pelos caminhos e atalhos e obriga a todos a entrar, para que fique cheia a minha casa." S. Luc. 14:23. E a Sra. White, referindo-se a essa passagem, acrescenta: "Há a fazer nesse sentido uma obra que ainda não se fez." — *Evangelismo*, pág. 436. Diz ela ainda, nas págs. 442 e 443 do mesmo livro:

"Há necessidade de educação — o preparo de todo aquêle que entra no campo evangélico, não sòmente para usar a foice e cortar a messe, mas juntá-la, recolhê-la, cuidar dela devidamente. Esse cortar tem sido feito em tôda parte, e montou a bem pouco, em virtude de haver sido feito tão pouco trabalho diligente mediante esforço pessoal para separar o grão da palha, e juntá-lo em molhos para o celeiro."

Muitas igrejas estão a perecer por falta de um programa de colheita. E quando perecem, sem dúvida não faltará quem diga: "Bem, pelo menos esta cidade não poderá alegar que não os advertimos. Nós semeamos a semente." Às vêzes, depois das reuniões nessas igrejas, tenho-me refugiado no meu carro e chorado. O potencial ali estava, capaz de abalar a cidade em favor de Cristo, mas dir-se-ia que não havia quem soubesse ceifar. Ensina-se aos ministros a arte de pregar, lançar a semente, casar e sepultar... Quantos, porém, são ensinados a ceifar?

Sim, temos tido algum progresso. Quão pouco, porém, em comparação com o que poderia ter havido! Temos igrejas em que o número de membros não aumentou no período de 40 anos. Algumas delas nem ao menos construíram um tanque batismal, sob pretexto de que não teria uso suficiente para compensar a despesa. Estão tão-sòmente lançando a semente.

## Vêde o que Acontece

Temos de abrir os olhos ao que está acontecendo em volta de nós. Vêde a obra de Herbert W. Armstrong. Encontro por tôda parte sua revista *Plain Truth*: no escritório do seguro de meu carro, no gabinete de meu médico fisioterápico, em lares adventistas e em outros lares, por tôda parte. Vi *Plain Truth* na Inglaterra, nas férias passadas. Vi-a

nos lares que visitávamos em nossas reuniões evangelísticas em Belfast, Irlanda.

Porventura lêstes o último relatório de Armstrong, acêrca dos milhões de leitores de sua revista? Está êle agora fazendo anúncios de página inteira em revistas de vasta circulação, como *Life*, *Look*, *Reader's Digest*, *The London Sunday Times* etc. No número de junho-julho de *Plain Truth* declara o Sr. Armstrong: "A revista *Plain Truth* está com a circulação aumentando na proporção de 30% ao ano."

### Insistir na Decisão

Não deveríamos estar fazendo mais, nós que fomos incumbidos da mensagem especial destinada a preparar um povo para a segunda vinda de Cristo? Com justa razão ficamos impressionados com as perspectivas das MISSÕES 72.\* Afigura-se elegante dizer que havemos de celebrar reuniões evangelísticas em tôdas as igrejas, em data determinada. Mas devem ser ensinados homens a colhêr os benefícios. As pessoas que ouvem a mensagem mas não a aceitam, endurecem-se quanto a ela. Diz a Sra. White: "Se êles ficaram impressionados e convencidos, e não cederam a essa convicção, é mais difícil fazer impressão sobre sua mente do que era antes, e não os podereis alcançar de novo." — *Idem*, pág. 293.

Fui certa vez mandado a uma cidade onde o evangelista anterior havia atraído multidões, mas poucos foram batizados. Agora os que haviam ouvido a mensagem no ano anterior sorriam quando eu lhes batia à porta, mas não iam à reunião. Mediante a perseverança e um programa completo de visitação, foram afinal batizados vinte e cinco. Mas dentre êstes apenas alguns tinham assistido às conferências anteriores. Na última noite da série a pequena igreja estava apinhada, e muitos mais se mostraram à beira da decisão, mas tive de deixá-los porque estava escalado para outra série de reuniões. Quanto eu saiba, nenhuma daquelas pessoas que se achavam no vale da decisão, foi batizada após minha saída. Isto me ensinou uma lição. Mudei da série de três semanas para a série de cinco semanas, e às vêzes desejaria que tivesse seis. Com êsse aumento do prazo, temos oportunidade de aumentar o número de ouvintes e, uma vez aumentado, temos também tempo para levar à decisão os interessados. Assim, ao tempo de terminar as reuniões, temos batizado de 90 a 95% dos que assistiam.

Acabo de fazer uma série de reuniões na cidadezinha de Ocala, na Flórida. O número de membros, segundo o livro de registro, era

de cêrca de 130. Difícil foi a tarefa. Dentre os presentes às reuniões, cêrca de 30% eram adventistas, e os não-adventistas um pouco mais. Ao escrever isto, 69 foram batizados, havendo outro batismo planejado para a próxima semana. Podeis ver que se deu importância a cada pessoa. Cultivou-se tôda centelha de interesse. Quase cada um dos que ouviram a mensagem tomou a decisão e foi batizado. Cada um dos que se levantaram ao ser feito o apêlo para se aproximarem do altar, foi visitado e cuidado, até que se unisse à igreja.

Diz a Sra. White:

"Caso êle negligencie êsse trabalho — visitar o povo em suas casas — é um pastor infiel e está sob a repreensão de Deus. Seu trabalho não está nem metade feito. Houvesse êle feito trabalho pessoal, e teria sido efetuada uma grande obra, e muitas almas haveriam sido recolhidas. Deus não aceitará desculpas por negligenciar-se assim a parte mais importante do ministério, a qual é como que o apropriado remate da obra." — *Idem*, pág. 440.

### Não Deixar Apagar-se o Fogo

A maior necessidade dos jovens de nossos colégios, que se estão preparando para o ministério, e os que se encontram no seminário, é aprender a ciência de ganhar almas. Todavia alguns se diplomam sem conhecer as primeiras noções acêrca de levar à decisão uma pessoa. Infelizmente para alguns, o fogo do entusiasmo quanto a ganhar almas, extingue-se no decorrer dos seis longos anos de estudo. Por êste motivo alguns poucos abandonam o ministério.

Não faz muito, estive dirigindo reuniões no norte do Canadá. Foi derramado o Espírito Santo, e o número de membros duplicou. Assistia às reuniões um jovem adventista abastado, proprietário de grande serraria. Um dia levou-me em seu rico avião a Stewart, para mostrar-me outra serraria. Ao sobrevoarmos aquelas vastas florestas e montanhas nevadas, contou-me como fôra sua conversão. Pretendera ser ministro, mas os dias colegiais arrastavam-se sem que êle conquistasse uma alma, e o fogo foi diminuindo mais e mais, até que, na ocasião de receber o diploma se sentia tão desanimado que voltou à sua indústria. Nunca se esquecera completamente do desejo de ser ministro. Se tão-sòmente alguém o tivesse ajudado a ser um grande ganhador de almas!

Alguns meses atrás, depois de haver eu contado algumas maravilhosas experiências que Deus acabava de nos conceder, um jovem bem apessoado veio ter comigo e disse: "Acabo de deixar o ministério. Fiquei tão desanimado! Tentei ganhar almas, mas não houve fruto de

\* Plano de Evangelização que começará em tôda a Divisão Norte-Americana em 4 de março de 72.

*Não sejas como aquêle líder que disse:*

*“LÁ VAI MEU POVO; DEVO SEGUI-LO,  
POIS SOU SEU LÍDER.”*

# Como Ser o Chefe

**N**O registro das proezas dos poderosos de Davi, em I Crônicas, uma narrativa épica se distingue como magnífico exemplo de valor e dedicação à liderança, muito acima e além do exigido pelo dever. Davi, em risco de vida, ocultava-se nas cavernas de Adulão, temendo o rei Saul, que se propusera eliminá-lo. Exilado da cidade de sua infância, por uma guarnição de filisteus, “suspirou Davi, e disse: Quem me dera beber água do poço que está junto à porta de Belém!” (Cap. 11:17). Isto não era de modo algum uma ordem aos que o ouviam; era, antes, um pensamento transmitido em voz audível, motivado por uma reminiscência nostálgica. Bem reconhecia êle a completa impossibilidade do cumprimento de seu ocioso desejo, pois a guarnição dos filisteus estava então em Belém. Três dos homens de Davi lhe ouviram a expressão do desejo, e êste se lhes tornou verdadeira paixão. “Então aquêles três romperam pelo acampamento dos filisteus, e tiraram água do poço junto à porta de Belém, tomaram-na e a levaram a Davi.” V. 18.

Esta dedicação dos valentes de Davi, diz algo acêrca de seu calibre. Mas, o que é mais significativo, diz muito de Davi como seu líder. Esta espécie de liderança sábia e de dedicação de equipe não é totalmente inexistente em nosso século ou na obra organizada dos adventistas do sétimo dia. Ouvia-se certa vez o obreiro de uma associação dizer acêrca do seu presidente: “Se êle precisasse de um homem que fôsse de igreja a igreja para limpar as instalações sanitárias, eu me ofereceria.” Isto, confesso, diz algo acêrca daquele obreiro dedicado, mas também diz muito acêrca das qualidades de líder do presidente da associação.

A qualidade de liderança acima descrita não vem por acidente. Não é resultado de praxe

financeira da organização, nem de situação geográfica. Não a podem comprar salários de muitas cifras, nem a produzem notas ilimitadas de despesas. Vem espontaneamente de satisfatórias relações humanas entre o executivo e seus subordinados. É produto natural da devida combinação de ingredientes situacionais e pessoais.

Não é segredo o fato de existirem obreiros que não vêem com bons olhos a perspectiva de visitas de seu presidente. Suas relações caracterizam-se mais pelo temor e apreensão, e por vêzes pela inveja eclesiástica. Tampouco é segredo aguardarem alguns obreiros a sessão bial ou quadrienal na esperança de uma modificação no quadro dos líderes, ou na esperança de se tornarem substituto de um dêles.

## A Dinâmica da Liderança

Qual é a dinâmica de uma diretoria firme, bem amalgamada, de uma associação, colégio ou outra organização, cujos líderes sejam dedicados mutuamente? Como pode um líder aperfeiçoar-se de modo a fruir a demonstração de um espírito dedicado, como o exemplificado pelos valentes de Davi? Executivos, administradores e aspirantes à liderança são convidados a considerar objetivamente as sugestões seguintes:

1. *Sêde vós mesmos.* Liderança não é o que o líder faz, mas o que *êle é*. Métodos, teorias e técnicas de homens dirigentes, podem ser estudados e comparados, mas temos de encarar o fato de que a diferença entre o êxito e o fracasso não reside tanto na técnica, como no próprio líder. Deve-se focalizar mais a atenção nos fatores de personalidade do próprio homem. Não quer isto dizer que se possa fazer uma relação de certas combinações de características pessoais que sejam o *sumum bonum* da liderança. Ho-

## J. L. BUTLER

Capelão do Sanatório e Hospital Riverside Nashville,  
Tennessee

mens e mulheres de grande variedade de tipos de personalidade podem sair-se bem em situações de liderança. É satisfatório qualquer modelo de personalidade que permita boas e profundas relações com outros seres humanos. Mas, acima de tudo, melhor lidera o líder que seja ele mesmo. Se vossa liderança se deixar mover por molas de outra fonte que não VÓS MESMOS, sois então meros imitadores, e nos dias atuais mesmo as crianças descobrem o reles imitador, a cem passos de distância. Não é, pois, nada de admirar de que seja ineficiente o líder que funcione sob a guisa de qualquer outro que não seja ele mesmo. O cajado, a funda e cinco pedras lisas que são vosso próprio equipamento familiar, são-vos sempre mais eficazes do que a armadura de Saul.

2. *Apercebei-vos das Necessidades Humanas.* Os que lidam com pessoas precisam estar muito apercebidos das necessidades humanas, e sensíveis a elas. O tremendo poder demonstrado por Jesus em comover e liderar pessoas residia em Seu tremendo interesse nas pessoas. "Mas o mesmo Jesus não confiava nêles, porque a todos conhecia; e não necessitava de que alguém testificasse do homem, porque Ele bem sabia o que havia no homem." S. João 2:24 e 25. Ele de fato sabia o que levava os homens a tiquetaquear. Estava bem apercebido dos profundos anelos de seu coração. Possuía alma sensível, desde a infância. "Em todos os tempos e todos os lugares manifestava amoroso interesse nos homens, e derramava a Sua volta a luz de uma animosa piedade." — *Desejado*, 86. Especializou-Se no homem todo — tudo que concernia ao homem, preocupava-O também. Não era um manipulador de homens, dêles Se servindo como de degraus de uma escada para galgar uma posição mais alta. "Interessava-Se em

todos os aspectos de sofrimento que vinha ao Seu conhecimento." — *Idem*, 92. Seu interesse e preocupação em relação aos Seus obreiros não era de modo algum uma preocupação egoísta, departamentalizada. Ele conhecia a Sua equipe.

O conhecimento que Cristo tinha dos homens não era resultado de um especial poder divino, inacessível para nós. Não usava de nenhuma vantagem que não nos fôsse oferecida. Seu conhecimento dos homens era resultado natural de Seu interesse nêles.

Hoje, o líder de êxito reconhece as necessidades emocionais e os impulsos de seus obreiros, assim como suas necessidades financeiras. (O aumento de salário nem sempre produz um correspondente aumento de dedicação ou produção.) Todos têm necessidade de reconhecimento, e querem crer que valem alguma coisa na opinião dos outros. Nunca reluteis em expressar aprovação. O adequado reconhecimento de um bom comportamento é uma das melhores maneiras de produzir o continuado comportamento desejável. Carnegie, em sua conhecida obra *Como Fazer Amigos e Influenciar Pessoas* recomenda que sejamos calorosos em nossa aprovação e genuinamente pródigos em nossa expressão de louvor.

Mesmo quando é necessária a censura, pode ela ser encaixada entre louvor e aprovação. O Cristo das sete igrejas demonstra aptidão em semelhante método, pois diz: "Conheço as tuas obras, assim o teu labor como a tua perseverança, e que não podes suportar homens maus. . . . Tenho, porém, contra ti que abandonaste o teu primeiro amor." Apoc. 2:2-4. Para a igreja as rudes arestas da censura são abrandadas com a gentil almofada do louvor. A aprovação mostra confiança. Vossos obreiros anseiam por ela, e em nada aumenta o orçamento!

Os líderes prudentes prevalecem-se da necessidade de seus obreiros, de terem a impressão de *pertencer*. O homem é animal gregário, por natureza orientado por grupo. Cada qual quer sentir que *êle pertence*, é apreciado, necessário, e valorizado por seu grupo. Ninguém simpatiza com o círculo que o exclui. Assim, daí lugar à impressão de que grande coisa é *pertencer a vosso time*.

Não deve ser esquecida a necessidade de uma causa. Tôda personalidade amadurecida, ajustada, bem integrada precisa de uma causa — uma superestrutura em volta da qual edifique sua vida e atividade, uma chama a avivar, um alvo que lhe ocupe a visão, um azimute para cartografar sua trajetória. O verdadeiro líder é causa orientada, e seus seguidores são do mesmo calibre. Ele lhes satisfaz a necessidade de causa com a sua própria causa. Eles a esposam como dêles mesmos, e na verdade se torna dêles. Serviço dedicado, muito além das exigências do

dever e acima dos reclamos da fôlha de pagamento é a devida recompensa do executivo que é observador das necessidades de sua gente.

3. *Desdém Próprio.* Não vos arreceeis de ter na equipe alguns dissidentes, que divirjam de vós. Convém encorajar a independência de pensamento, não por amor à rebelião, e não em terrenos onde temos um "assim diz o Senhor," mas como parte da necessidade de originalidade e integridade. Exigi que vossos homens sejam pensantes, não simples refletores de vossos pensamentos. (Ver *Educação*, pág. 17.) A concentração própria tem efeito mortal sôbre o progresso, e o excesso de conformismo pode resultar numa malfazeja estagnação. A crítica nem sempre é dirigida contra o líder em pessoa. Aprendei a manejá-la. Afastai-vos a certa distância e observai-a objetivamente. Bem pode ter mérito. Muitas vêzes estais demasiado perto de vosso problema para ver todos os pormenores de seu escopo e implicações. Servi-vos de vossa comissão como de um "depósito de pensamentos." Muitos empregados têm espírito fértil, criador. Construí bem vosso sistema independente de valores, mas sêde tolerantes com os pontos de vista que divergem dos vossos. Examinai bem o argumento do outro. Dai uns passos para trás e olhai de nôvo, antes de defender vossa posição.

4. *Verificai Vossa Própria Maturidade.* O líder de homens tem de ser homem. Também aqui Cristo serve de exemplo de perfeição em simétrica maturidade. Desde a infância, Sua vida foi caracterizada por um firme e harmônico incremento de varonilidade. Seu breve ministério foi repleto de provas de ser êle o único modelo perfeito de maturidade física, mental, emocional e espiritual da História. Desde criança manifestou uma precocidade inédita. Dêle foi dito que "desde mui tenra idade, começara Jesus a agir por Si na formação de Seu caráter." — *Desejado*, pág. 86.

Todo o capítulo do livro *O Desejado de Todas as Nações* intitulado "Dias de Luta," acha-se repleto de descrições de traços que são prova de maturidade raramente vista mesmo nos mais avançados em anos. Os homens maduros não são auto-orientados, nem egoístas. Merecem compaixão os empregados que têm que trabalhar para um patrão egoísta.

O patrão amadurecido é apto a assumir responsabilidades. Não se apóia em outros em relação ao seu procedimento, nem põe em outros a culpa de seus fracassos. Ataca objetivamente os problemas e pontos controversos, e não as pessoas. É bastante amadurecido para reconhecer e separar os dois. É apto a dar tempo ao tempo, isto é, olha aos resultados mediatos,

não imediatos. Êle não se acha centrado no "hoje" ou "agora." O agora, ou hoje, o imediato é por êle avaliado como parte do grande quadro geral. Suporta o desconforto ou a dor presentes, por amor do ganho futuro. O homem amadurecido não tenta disfarçar a realidade nem dela fugir. Sabe êle que o método do avestruz, de aproximar-se de um problema metendo a cabeça na areia, não afastará nem resolverá o problema. Crê em si mesmo e em sua causa, e tem um compreensivo senso de otimismo e de "poder fazer." Êle pensa em grandes dimensões, e fala em êxito, nunca em fracassos. Como o hábil oficial do exército, jamais dá uma ordem a menos que esteja confiante de que será obedecida. Líderes de água doce dirigem homens de água doce. Não sejais como o líder que disse: "Lá vai meu povo; devo segui-lo, pois sou seu líder."

Líderes de êxito nunca ficam enfatiados de seu trabalho. Têm amplitude de interêsse. Há tantas coisas a ver e fazer! Existe tanto de bem, mesmo nas coisas comuns!

O homem amadurecido está bem apercebido de que surgirão situações negativas. Quanto mais relacionadas as engrenagens, tanto maiores as oportunidades de atrito. Não é preciso que as situações negativas nos apanhem de surpresa. Elas ajudam a planejar para o futuro quanto a situações semelhantes, e reagem de modo pré-planejado. Também aqui, ataque-a a situação, e nunca as pessoas envolvidas na situação. Formulai perguntas: "Que aconteceu?" "Como se deu a coisa?" "Poderia o irmão repetir o trecho tal? pois quero certificar-me de que o entendo corretamente." "Que acha que se possa fazer neste caso?" Então prestai atenção. A prontidão em ouvir dá ao outro oportunidade de soltar o vapor e, o que é mais importante, pode transmitir informações úteis. Bem haja o líder que sabe ouvir, mesmo quando o tempo é muito escasso.

O patrão amadurecido é compreensivo. Ser compreensivo quer dizer mais do que fazer uma coletânea de fatos e boatos. Envolve intuição e capacidade de promover harmonia entre pessoas. Líder semelhante não precisa preocupar-se com o que seus obreiros hão de comentar quando volver as costas, ou temer que se aproveitem dêle.

Afinal, a liderança benevolente desenvolve uma equipe benevolente. Dizem que um redator esportivo aproximou-se de Vince Lombardi, antigo treinador de um time de futebol, após um campeonato, e lhe perguntou qual o segredo da vitória de seu time. Vince respondeu com um sorriso largo: "Meus rapazes amam-se mutuamente!"

Afinal de contas, "o maior dêstes é o amor."

## Bastará Apenas...

(Continuação da pág. 7)

meus trabalhos. Ninguém nunca me ensinou como levar os homens à decisão."

Um jovem estagiário, auxiliar nosso em uma de nossas séries, havia poucas semanas antes realizado uma série por conta própria, mas sem que houvesse batismo algum. Estava muito desanimado. Um dia, ao estarmos juntos fazendo visitas, disse-me êle: "O senhor sabe, antes de vir realizar aqui estas reuniões, eu estava cogitando seriamente em abandonar o ministério. Mas agora vejo que há possibilidade de ganhar almas."

### Mais do que Lançar a Semente

Tomei minha decisão em favor desta mensagem, depois de servir ao Exército. Estava inflamado do desejo de ganhar almas. Mas através de toda a vida colegial ninguém me ensinara a fazê-lo. Fiquei desanimado e voltei à vasta fazenda de meu pai, de criação de gado, em Montana. Mas o chamado ao ministério perseguiu minha alma, e depois de alguns meses voltei ao colégio. Todavia, ninguém me ensinou a ganhar almas. Fui para o Seminário, onde a experiência foi a mesma. Tive oportunidade de trabalhar numa escola campal de evangelização, com um de nossos melhores evangelistas. Nunca, porém, tive ocasião de visitar com êle os lares do povo.

Para meu estágio aceitei um chamado a Montana. Estabeleceram-me numa localidade atrasada, onde eu devia tratar de suscitar uma igreja. Eu estava resolvido a ganhar almas. Ou isso, ou voltar para a fazenda de meu pai. Dependurei um cartaz num edifício velho. O princípio foi duro. A temperatura caiu a quatro e meio graus abaixo de zero. Soprava o vento e caía a neve. Algumas noites tive que fechar a porta e ir para casa, sem realizar a reunião, porque não vinha ninguém. Algumas pessoas que vinham faziam-me perguntas da Bíblia a que eu não sabia responder, e trabalhava até tarde da noite, em busca das respostas, e preparando-me para a primeira série de conferências. Houve muitos momentos solitários e probantes. Minha esposa chorou muitas vezes. Mas, afinal, nove almas estavam prontas para o batismo. Continuei pregando. Logo, mais dezessete foram batizados. Achamos que devíamos construir uma igreja. Um dos homens que assistia as reuniões doou quatro lotes. Não tínhamos dinheiro nenhum mas tínhamos fé de que o Senhor queria que a obra prosseguisse. Demos início à construção da igreja sem saber de onde viria o dinheiro, e nossa fé foi recompensada. Fizemos nós mesmos o trabalho, e dedicamos a igreja livre de dívidas, com quarenta e dois membros.

Foi um incidente comovedor voltar àquela igreja de Selbi, Montana, dois anos atrás, pela primeira vez depois de dez anos. Ali, sentado nos degraus e regando o gramado, estava o velho e querido casal Myers. Tinham participado daquele primeiro batismo de nove pessoas. A irmã Myer fôra Testemunha de Jeová e o esposo pertencera à Igreja de Dunkard. Eles foram parte da alegria da colheita de almas.

Se eu não tivesse almas a relatar no fim do ano, arrumaria hoje mesmo as malas e voltaria à fazenda de meu pai. Deixar essa fazenda não fôra fácil. Unicamente o chamado de Deus me conserva no ministério. Ainda no ano passado meu velho pai me levou através da invernoada, onde pastava o gado, e disse: "Dale, a fazenda ainda está aqui, para você." Papai está envelhecendo; eu também estou envelhecendo. Estou me tornando impaciente. Temos de ceifar a colheita agora. Disse a serva do Senhor:

"Se tivermos o interêsse que João Knox teve quando pleiteou perante Deus em favor da Escócia, teremos êxito. Êle clamou: 'Dá-me a Escócia, Senhor, ou morro!' E se nos lançarmos à obra e lutarmos com Deus, dizendo: 'Eu preciso conquistar almas; jamais desistirei da luta!', veremos que Deus considerará com favor nossos esforços." — *Evangelismo*, pág. 294.

## Eu Te Agradeço

JONATAS BRAGA

*Senhor, eu Te agradeço a vida que me deste, o ar que respiro, o Sol e o céu cheio de estrelas, os pássaros que estão cantando, alegres, pelas campinas a florir, no mundo que fizeste.*

*Eu Te agradeço a luz que os píncaros reveste de côres que ninguém pudera concebê-las, e as fontes de cristal que sempre sonho vê-las sussurrando canções que Tu lhes compuseste.*

*Eu Te agradeço o riso inocente das crianças, que semeiam na Terra alegres esperanças, enchendo os corações de cânticos de amor....*

*Eu Te agradeço a paz que me consola e anima, e tudo quanto é bom e que me vem de cima, de onde me vês aqui, por onde quer que eu fór.*

# Nossas Relações com Denominações Religiosas não Adventistas

**MÁRIO VELOSO**

Professor de Teologia —  
Colégio Adventista  
del Plata

**E**STE tema denota a existência de um problema. Pode ser de ausência de relações, de más relações ou de relações sem propósito claro. Não nos referimos às relações oficiais da Igreja Adventista com outras denominações, mas sim às relações que individualmente cada um de nós mantém, e deve manter, com essas denominações. Em realidade, nossas relações são escassas, não muito boas (para não dizer más), e não possuem um propósito muito claro. Muitos de nós, entretanto, relacionamo-nos com êles para lhes ensinar a verdade, o que parece um propósito bem claro e definido, mas como veremos mais adiante não é tão claro.

Em consequência, vemo-nos na obrigação de analisar nossas más relações com os protestantes e ver qual é a causa teológica que as provoca, a fim de remediar o problema, se tem remédio possível. Para isto seguiremos o seguinte esboço: primeiro, causas históricas; segundo, causas teológicas e finalmente consideraremos uma possível solução ao problema.

## CAUSA HISTÓRICA: UMA EXPERIÊNCIA DE ATAQUE, REPULSAO E DESPRESTÍGIO

É verdade que a história em geral caminha para um alvo ou objetivo que é o reino de

Deus. De acôrdo a isto o aparecimento da Igreja Adventista com seu anúncio do reino de Deus teria que ter sido celebrado com regozijo por tôda a cristandade. Mas, como diz o teólogo Paul Tillich, "na história existe sempre uma mistura do bem e do mal;" as forças do mal não viram o nascimento da Igreja Adventista com alegria e portanto puseram suas energias na tarefa de desprestigiá-la. Como o fizeram? Fundamentalmente de duas maneiras:

Em primeiro lugar, levantando outros grupos e idéias errôneas mas com características semelhantes à Igreja Adventista. Citamos como exemplo três grupos que não somente tinham algumas semelhanças com o movimento adventista, mas que ademais surgiram mais ou menos no mesmo lugar geográfico. Referimo-nos às misteriosas pancadinhas das irmãs Fox (espiritismo moderno), os primeiros trabalhos de José Smith (fundador do mormonismo) e o perfeccionismo socialista de John Humphrey Noyes. Todos êles surgiram por volta da mesma data e dentro de um raio de 30 km no norte do Estado de Vermont. Ali mesmo Guilherme Miller, no início do século passado, iniciou o grande movimento adventista.

Conhecemos os erros do espiritismo e temos uma idéia clara do mormonismo. Talvez convenha mencionar que até hoje nos Estados Uni-

dos se confunde a Igreja Adventista com os mórmons. Desde 13-15 de março de 1970 a famosa Gallup Internacional, fez uma pesquisa para medir a atitude atual do público norte-americano para com a Igreja Adventista. Uma das perguntas era: O que vem primeiro à sua mente quando você ouve o nome de adventista do sétimo dia? Se bem que a resposta mais freqüente tenha sido "a observância do sábado," ainda aparecem respostas como as seguintes: "Penso nas provas que tiveram que passar em Utah," "Salt Lake City," "os mórmons."

Das idéias antes citadas provavelmente a que nos resulta mais desconhecida seja o perfeccionismo Noyes. Ele acreditava que com a conversão vinha uma liberação total do pecado e uma completa pureza do coração. A isto acrescentou as idéias do socialista utópico Robert Owen e as de Fourier, e concluiu que o socialismo combinado com o perfeccionismo chegaria a ser invencível e fundou a famosa colônia Oneida, na qual introduziu muitos princípios de saúde, a carne foi reduzida a um mínimo indispensável e se promoveu uma vida simples. Isto não os livrou do erro de casamentos comuns nos quais se praticava uma extrema continência masculina.

A segunda forma como as forças do mal lutaram contra os adventistas foi por meio da proscricção religiosa. Os dirigentes religiosos atacaram os adventistas desde o início das atividades dos mesmos. Como exemplo leiamos o parágrafo do livro *Fermento de Libertad*, escrito por Alice Felt Tyler. Falando da oposição levantada ao movimento de Guilherme Miller ela diz:

"O bispo de Vermont publicou um panfleto condenando o erro de tentar determinar uma data para a segunda vinda. Pastores de tôdas as seitas através de tôda a Nova Inglaterra e Estados adjacentes publicaram e pregaram diligentemente condenando o movimento. Multidões de furiosos cidadãos trataram de dispersar algumas das reuniões dos seguidores de Miller; mesmo o próprio profeta (G. Miller) foi atacado com ovos e tomates podres" (págs. 73 e 74).

Os adventistas foram expulsos de suas igrejas sem que tivessem cometido outro delito que o de acreditar no advento do reino de Deus. Tudo isto criou um espírito de defesa. Os pregadores adventistas têm sido tão agudos em atacar os demais cristãos como estes o foram com eles. Produziu-se, então, um afastamento, e o rechaço foi tão cego que condenaram os adventistas de seita não cristã, sem sequer se dar ao trabalho de estudar devidamente seus ensinamentos e doutrinas. Posteriormente a fonte onde os não adventistas estudavam as crenças dos adventistas foram os livros amargurados e falsos do apóstata D. M. Canright. Tem havido, entretanto, nos últimos anos uma mudança de atitude nêles e alguns teólogos protestantes ao estudar as doutrinas

adventistas nos escritos dos teólogos desta igreja concluíram que a Igreja Adventista do Sétimo Dia é cristã.

## CAUSAS TEOLÓGICAS: UMA VISÃO DINÂMICA E ESCATOLÓGICA

Ao tratar as causas teológicas que deterioraram nossas relações individuais com os não adventistas não nos propomos apresentar uma lista dos pontos de diferença entre ambas teologias. O que nos propomos é tomar somente três pontos teológicos nos quais, seja pela diferença entre a Igreja Adventista e as demais denominações ou por falta de compreensão que os adventistas individualmente temos de nossa própria teologia, se dá lugar a uma atitude que repele as relações espontaneamente agradáveis. Estes pontos teológicos são: 1) nossa compreensão das profecias, 2) nossa escatologia e 3) nosso conceito da função que a igreja deve cumprir no mundo.

1) *Nossa compreensão das profecias*. Referimo-nos especialmente às profecias apocalípticas. A primeira pergunta que surge em relação com este assunto é: que é profecia apocalíptica? A literatura apocalíptica é um tipo especial na literatura hebréia relacionada com o cativeiro babilônico, que apresenta o conflito entre as forças do bem e do mal e o triunfo de Deus e de Seu povo, é um conflito que ocorre não somente no tempo quando se escreve, quer dizer, o presente, mas que também tem relação com o futuro. A profecia apocalíptica tem que ver então com acontecimentos profetizados em relação ao triunfo de Deus no futuro, tanto como no presente. Daniel e Apocalipse estão considerados dentro deste tipo de profecias, junto com a maioria dos profetas menores e parte dos escritos dos profetas maiores.

A teologia protestante é "situacional" em sua consideração das profecias apocalípticas. Isto significa que essa teologia se concentra no propósito original e a situação na qual se deu a profecia e se escreveu seu texto. Em troca, a teologia adventista é mais "sistemática." Isto significa que esta teologia procura coerência interna e confronto entre os diferentes textos. A ênfase está mais no futuro do que no presente, o que resulta justamente o inverso da ênfase protestante.

Existe alguma solução para este aparente conflito? Certamente que sim. Embora essa solução teológica não tivesse surgido anteriormente desta maneira, entretanto esteve sempre presente na teologia adventista. Esta solução consiste no princípio da tríplice aplicação das profecias apocalípticas que os teólogos adventistas elaboraram mais sistematicamente durante os últimos anos, sem que isto signifique que seja um descobrimento inteiramente novo.

O princípio desta tríplice aplicação consiste no seguinte:

a) As profecias apocalípticas dadas antes de Cristo têm um cumprimento parcial e literal no Israel literal.

b) Têm um cumprimento espiritual e universal no cristianismo.

c) Terão um cumprimento literal e universal em todos os fiéis de tôdas as idades quando Cristo venha por segunda vez em glória.

Desta maneira a profecia tem um cumprimento passado, presente e futuro. O passado corresponde ao Israel literal; o presente à igreja cristã, e o futuro ao ESCATON, ou seja o fim. Este princípio de interpretação está baseado em outro que é o decisivo, o mais valioso e o que jamais deve faltar em tôda interpretação das profecias apocalípticas para não cair no erro. Referimo-nos à cruz como ponto de divisão e a Cristo como a chave para entender cada símbolo profético. Isto significa que na Bíblia existe uma harmoniosa unidade tão cristocêntrica que cada símbolo, seja este histórico, profético ou apocalíptico, refere-se a Cristo. Em conseqüência, tôda interpretação das profecias apocalípticas deve ser cristocêntrica, e como corolário disto surge o princípio da tríplice aplicação.

A ênfase situacional da teologia protestante fica atendida com a aplicação literal ao povo de Israel na época imediatamente posterior ao cativeiro ou a da própria libertação. É a ênfase sistemática fica atendida com as aplicações à igreja cristã e a todos os cristãos quando Cristo venha. A dinâmica da aplicação da profecia apocalíptica vai do literal parcial ao espiritual universal e ao literal universal.

Se nós, em nossas relações individuais com os protestantes não consideramos este enfoque teológico dinâmico e cristocêntrico das profecias, não estaremos em condições de compreendê-los tampouco estaremos em condições de transmitir-lhes uma imagem adequada de nós mesmos, resultando isto em uma falta de comunicação ou uma comunicação errada que sômente provoca incompreensões e más relações.

2) *Nossa escatologia*: A seguinte causa que deteriora nossas relações com os não adventistas radica na má compreensão de nossa escatologia, não só por parte dos evangélicos mas o que é mais desastroso, por nossa própria falta de conhecimento da mesma.

A escatologia é a doutrina dos eventos do fim, sejam estes os eventos finais na vida de um indivíduo, tais como a morte, ou os eventos finais da igreja de Cristo, os quais têm estreita relação com a segunda vinda de Cristo. Pela própria definição do termo, a Igreja Adventista é uma igreja essencialmente escatológica, entendendo-se por isto duas coisas: que sua existência se produz no fim da história da igreja cristã

e que suas doutrinas estão condicionadas por seu caráter escatológico. Quer dizer que, se tivéssemos que descrever nossa teologia em uma palavra, esta teria que ser “escatologia:” nossa teologia tem que ser cristocêntrica, mas não só historicamente cristocêntrica, mas também escatologicamente cristocêntrica. É por isso que a vida da igreja não recebe suas forças de uma tradição histórica como ocorre com tôdas as igrejas protestantes, mas que sua força vital está emanando sempre do futuro, do fim, da segunda vinda de Cristo. Mesmo o presente da Igreja Adventista, não é um simples presente temporal limitado pelo amanhã, mas o amanhã germinando no presente. Quer dizer que, parafraseando Santo Agostinho, o presente é o “arrabalde” do escaton, do futuro. Este futuro visto não como tempo que se espera, mas como o tempo associado a uns acontecimentos que já começaram a se tornar reais.

Tudo o que ensinamos deve estar relacionado com nossa escatologia. Nesse sentido a Igreja Adventista é a única igreja escatológica. As igrejas protestantes são tôdas igrejas históricas. Elas têm um credo, a Igreja Adventista não. Isto implica uma grande diferença que contém o germe de muitas incompreensões nas relações mútuas. Enquanto uma verdade é teologicamente discutida pelo teólogo protestante, com uma mentalidade histórica baseada em uma tradição e em um credo, o teólogo adventista a analisa com uma mentalidade escatológica. Há nisto, entretanto, um perigo do qual não nos livramos como adventistas. Referimo-nos ao perigo de desenvolver hoje sentimentos acêrca de acontecimentos que ainda não chegaram à sua realização plena. Podemos dar alguns exemplos que o ilustram: a formação da imagem da bêsta e a aplicação da marca da bêsta.

Sobre a imagem da bêsta lemos: “A ‘imagem da bêsta’ representa a forma de protestantismo apóstata que se desenvolverá quando as igrejas protestantes buscarem o auxílio do poder civil para imposição de seus dogmas” — *O Conflito dos Séculos*, págs. 480 e 481.

Muitos adventistas tratam os protestantes de hoje como se eles fôsem o produto dêsse outro protestantismo “que se desenvolverá.” Quer dizer que já demos lugar à existência de um sentimento que provavelmente seja apropriado quando êsse fato alcance sua completa realidade, mas que agora não teria que surgir entre nós. O que queremos dizer é que muitos adventistas temos tratado os protestantes como se eles já estivessem nesta situação. Talvez ainda estejamos vivendo em um tempo semelhante ao que foi para Israel o tempo entre a ascensão de Cristo e o apedrejamento de Estêvão. O grande Pentecostes está ainda no futuro. Os protestantes ainda são filhos de Deus e seus ministros são ainda pastôres do rebanho. Pelo menos isto é

o que o Espírito de Profecia ensina quando diz: "Nossos ministros devem procurar aproximar-se dos ministros de outras denominações. Orai por eles, por quem Cristo está intercedendo. Pesa sobre eles solene responsabilidade. Como mensageiros de Cristo, cumpre-nos manifestar profundo e zeloso interesse nesses pastôres do rebanho." — *Evangelismo*, pág. 562.

Destacamos o fato de que os ministros de outras denominações são "pastôres do rebanho por que Cristo está intercedendo." Deveríamos tratá-los como tais. Não seja que estejamos ofendendo àqueles por quem Cristo morreu, diminuindo dessa forma as bênçãos que Ele poderia derramar sobre nossa igreja ao atrair a influência desses ministros em favor da mensagem escatológica que o Senhor nos recomendou.

O segundo exemplo de sentimento criado com antecipação à plenitude da realidade do fato está relacionado com a marca da besta:

"Mas os cristãos das gerações passadas observaram o domingo, supondo que assim fazendo estavam a guardar o sábado bíblico; e hoje existem verdadeiros cristãos em tôdas as igrejas, não excetuando a comunhão católica romana, que crêem sinceramente ser o domingo o dia de repouso divinamente instituído. Deus aceita a sinceridade de propósito de tais pessoas e sua integridade. Quando, porém, a observância do domingo fôr imposta por lei, e o mundo fôr esclarecido relativamente à obrigação do verdadeiro sábado, quem então transgredir o mandamento de Deus para obedecer a um preceito que não tem maior autoridade que a de Roma, honrará desta maneira ao papado mais do que a Deus. Prestará homenagem a Roma, e ao poder que impõe a instituição que Roma ordenou. Adorará a besta e a sua imagem. Ao rejeitarem os homens a instituição que Deus declarou ser o sinal de Sua autoridade, e honrarem em seu lugar a que Roma escolheu como sinal de sua supremacia, aceitarão, de fato, o sinal de fidelidade para com Roma — 'o sinal da besta.' E somente depois que esta situação esteja assim plenamente exposta perante o povo, e este seja levado a optar entre os mandamentos de Deus e os dos homens, é que, então, aqueles que continuam a transgredir hão de receber 'o sinal da besta'". — *O Conflito dos Séculos*, pág. 486.

Aqui está muito claro que o sinal da besta ainda não foi imposto sobre ninguém. Não digamos então aos protestantes que têm o sinal da besta, e conseqüentemente não os tratemos como se o tivessem.

Como podemos controlar nossa mentalidade escatológica para não cair no perigo que acabamos de assinalar? Existe apenas uma solução. Dissemos que temos uma escatologia cristocêntrica. Pois bem, esta é a única solução ao proble-

ma: manter sempre nossa escatologia cristocêntrica. É ao tirar Cristo de seu centro quando ficamos com uma mentalidade escatológica sem Cristo, e portanto ficamos sem Seu poder de controle e sem Seu amor. Como conseqüência, os julgamentos e as condenações que deveriam ficar sob o controle de Seu poder, passam a ser controlados pelo poder de nossas emoções. A atitude de Cristo é a solução a este como a todos nossos problemas. E a atitude de Cristo está maravilhosamente ilustrada na parábola do bom samaritano.

3) *Nosso conceito da função que a igreja deve cumprir no mundo*: A terceira causa da deterioração das relações com os demais cristãos é o conceito da função da igreja no mundo. Que é a igreja?

Esta pergunta teve muitas respostas. Comumente ouvimos dizer entre os protestantes e mesmo entre os adventistas que a igreja é a comunidade dos fiéis, mas isto não é uma definição que realmente descreva a igreja. Existem alguns que a consideram uma instituição hierárquica, outros, sem deixar a idéia de instituição a transformam em democrática, o que é uma aberração já que confundem um assunto político com outro religioso, mas o mencionamos tal como alguns o usam. Últimamente J. Hoekendkijk tem dito que a igreja é um movimento entre o reino de Deus e o mundo. Isto nos coloca totalmente dentro do problema de sua função no mundo, pois o mesmo teólogo diz que a igreja é uma função da obra missionária, e não o contrário. Quer dizer que não haveria algo assim como uma função da igreja no mundo mas que esta seria uma função do plano missionário de Deus, sendo que Cristo não teria vindo estabelecer uma igreja mas ganhar o mundo, como conseqüência ninguém deve se unir a um grupo religioso específico. Isto leva à conclusão de que tôdas as igrejas são vias paralelas de salvação.

É a igreja uma via de salvação? Não, não é uma via, mas um movimento no qual a salvação se manifesta. A igreja é a manifestação visível da salvação entre os homens. Em harmonia com isto está a seguinte definição de igreja: "A essência da igreja é Jesus Cristo existindo na mente ou coração daqueles que O aceitaram como seu Salvador, que o amam, que se amam entre si e que obedecem a Palavra de Deus como eles a entendem". — *Seventh-Day Bible Commentary*, Vol. X, págs. 266 e 267.

Esta definição adventista de igreja implica fé para aceitar a Cristo como Salvador e reconhecimento de que também outros formam parte da igreja embora entendam as palavras do Salvador em forma diferente de como nós as entendemos. Os adventistas nunca acreditaram que eles sejam os únicos filhos de Deus sobre a Terra hoje. Concedemos mais importância ao

conceito de parentesco com Deus, isto é de ser filhos de Deus, que ao conceito de doutrina. É certo que a doutrina verdadeira identifica a igreja verdadeira, mas não exclui a outros que não tenham toda esta doutrina. Eles também podem pertencer, e de fato pertencem ao povo de Deus, à igreja. Isto é possível em uma teologia como a nossa porque a relação com Deus é individualmente dinâmica e progressiva. O conhecimento da doutrina é "como a luz da aurora que vai brilhando mais e mais até ser dia perfeito." A perfeição não é um estado a ser alcançado mas um processo a seguir. A igreja não é uma instituição, nem sequer uma via de salvação, mas um movimento no qual a salvação se torna real e visível aos seres humanos. Visível como uma experiência que podemos contemplar em outros e real no sentido de que é uma experiência que devemos experimentar em nós mesmos.

Isto significa que não devemos pregar o evangelho aos protestantes? Não. A Igreja Adventista tem a missão de pregar o evangelho eterno a toda nação, e tribo, e língua e povo (Apoc. 14: 6 e 7). Aqui também estão incluídas as igrejas evangélicas e protestantes. Mas não devemos pregar-lhes para convertê-los como o faríamos com os não crentes, mas devemos pregar-lhes para admoestá-los. Com eles devemos fazer a obra de reforma que Elias e João Batista fizeram por Israel. O lamentável é que amiúde acreditamos que a reforma consiste em degolar falsos profetas no Monte Carmelo e tratar de geração de víboras aos apóstatas. Desta maneira concentramos nossa atenção nos sacerdotes de Baal que provavelmente não eram israelitas mas estrangeiros trazidos por Jezabel, e nos concentramos nos fariseus cuja religião tão misturada com elementos humanos já não era divina. Desta forma nos esquecemos dos sete mil cujos joelhos não se dobraram a Baal (I Reis 19:18) e nos esquecemos de que a mensagem de João era um chamado ao arrependimento com o objetivo de preparar os corações para a vinda do Senhor.

Estes imperdoáveis esquecimentos nos ocorrem quando cultivamos o espírito de orgulhoso exclusivismo que tinham os judeus. Este espírito nos faz levantar uma barreira entre nós e os protestantes, assim como os judeus a levantavam entre eles e os gentios. Ao sentirem possuidores da verdade que temos acreditamos que somos possuidores em nós mesmos dessas qualidades que fazem da verdade o supremo saber acessível ao homem. Como conseqüência desta aberração acreditamos ser quase infalíveis em matéria de doutrina. Isto nos dá uma atitude que ofende aos demais. Mas escutemos este conselho: "Muitos há que necessitam nossa simpatia e conselho, mas não esse conselho que implica superioridade no doador e inferioridade no que o recebe." — *Testimonies*, Vol. 3, pág. 534. Devemos

eliminar esta barreira que nossa atitude levantou contra os protestantes. O muro de separação entre judeus e gentios devia ser derrubado (*O Desejado de Todas as Nações*, pág. 301). Já não deveria haver barreiras. Não deveria haver fronteiras, tampouco haver nenhuma distinção, porque os adventistas e os demais cristãos temos necessidade do perdão de nossos pecados e necessidade do mesmo Cristo para que lave nossas imundícias. Por esta mesma razão a igreja não é uma instituição, mas um movimento onde a salvação se torna real e visível a todos os homens.

Quando os pioneiros adventistas não queriam organizar uma igreja, estavam certos. Temiam que a idéia de movimento se perdesse e o conceito de instituição dominasse as mentes, com a idéia de "dentro" e "fora." Não, na igreja de Cristo não existe um "dentro" nem um "fora." Nesta igreja existe uma fraternidade baseada no amor e alicerçada no sacrifício de Cristo que é a maior expressão do amor salvador. Hoje os protestantes e evangélicos estão proclamando a união de todos os crentes baseando-se nos princípios de tolerância e ecumenismo. Nós não propiciamos a união mas sim a destruição de barreiras.

Tem a igreja uma missão no mundo? Não, a igreja é uma missão. Todos nós *somos* uma missão vivente na qual a salvação se torna visível e real. A igreja e Cristo são um assim como Cristo e o Pai eram um no plano de salvação. Cristo não era uma missão do Pai, mas disse que era "um com o Pai," e disse ademais: "quem Me vê a Mim vê o Pai" (S. João 14:9). Assim como a salvação foi visível na cruz de Cristo, hoje se torna visível na igreja. Este movimento não conhece fronteiras nem admite exclusivismo de nenhuma natureza, Cristo é seu único limite, e Ele disse: "atrairei todos a Mim mesmo" (S. João 12:32). A Igreja Adventista (em seu ministério também) portanto, deve desenvolver a atitude de um movimento que inclui a todos os que crendo em Cristo se preparam para Seu regresso. Não deve se separar, mas expandir-se. Não deve excluir, mas incluir. Não deve lutar contra os protestantes mas admoestá-los e chamá-los ao arrependimento.

## POSSÍVEL SOLUÇÃO AO PROBLEMA

Para a causa histórica propomos a solução adventista escatológica. Aqui está a oportunidade de demonstrar que nossa força não vem do passado histórico mas do futuro, e no futuro não existe a experiência de ignomínia mas a contrária, a de um grande movimento de membros das igrejas evangélicas protestantes unindo-se com os adventistas na espera do reino de Deus. "Esquecendo-me das coisas que para trás ficam, prossigo para o alvo, para o prêmio da soberana

vocação de Deus em Cristo Jesus" (Filipenses, 3:13 e 14).

Para as causas teológicas propomos as seguintes soluções: Em primeiro lugar, um estudo mais a fundo de nossa própria teologia escatológica para que dessa forma não desenvolvamos sentimentos que não deveríamos ter, já que nosso princípio escatológico de compreensão teológica é o mais gloriosamente dinâmico e impregnado das mais preciosas bênçãos de esperança e de vitória. Uma teologia cristocêntrica deve nos dar maturidade espiritual suficiente para destruir tôda parede de separação e conservar-nos na verdade que é em Cristo para aceitação de todos que O recebam.

Em segundo lugar, propomos a validade teológica do princípio do amor fraternal que tolera as crenças de outros e os aceita como irmãos em Cristo, embora tenham crenças diferentes, sabendo que a separação entre ovelhas e cabritos não está encomendada a nós os seres humanos, mas que é uma prerrogativa que só

corresponde a Cristo, que Ele aplicará quando venha em Seu reino e não antes.

Em terceiro lugar, propomos que cada adventista desenvolva uma consciência definida de que sua igreja não é uma instituição que tem limites que marcam um "dentro" e um "fora," mas que é um movimento vivo onde a salvação, o próprio Cristo, torna-se visível aos olhos enceguecidos da humanidade atual.

E como última solução, propomos que a igreja, ao considerar-se como um movimento vivo, nem sequer pensa que este movimento procede de sua própria atividade, mas da atividade todo-poderosa em conversão de almas do Espírito Santo, que é a potência e a segurança da igreja. Quer dizer que há necessidade de que um verdadeiro espírito de humildade se apodere de cada ministro e de cada membro de igreja a tal ponto que cheguemos a aceitar a todos os cristãos como nossos irmãos, não olhando aos não adventistas como publicanos e pecadores. São nossos irmãos na necessidade do mesmo perdão e do mesmo Cristo.

## ***Não Ter de que se Envergonhar***

**FRANCISCO NASCIMENTO**

Revisor da União Sul-Brasileira

**N**UNCA os escritos de São Paulo foram tão oportunos como agora. Referimo-nos especialmente às epístolas a Timóteo. Em tôdas as suas cartas e epístolas sentimos o calor de seu zêlo, de seu amor latente em resultado de uma experiência pessoal com Cristo.

Nossa afirmativa especial às epístolas a Timóteo é por serem dirigidas a um jovem obreiro, em caráter pessoal e íntimo, como de pai para filho, segundo sua expressão introdutória.

Paulo transmitiu muitos conselhos, instruções, advertências e exortações que revelam também a humildade de Timóteo. Não sei quantos dos leitores, líderes de igrejas, pastores e mestres, receberiam de bom grado palavras como estas: "Persiste em ler, exortar e ensinar até que *eu vá*." I Tim. 4:13. "Tendo porém sustento e com que nos cobrimos, estejamos com isso contentes." I Tim. 6:8. "Mas tu, ó homem de Deus, fuge destas coisas, segue a justiça. . . ." I Tim. 6:11. "Não te envergonhes do testemunho de nosso Senhor, *nem de MIM*." II Tim. 1:8. "Considera o que digo, porque o Se-

nhor te dará entendimento.” II Tim. 2:7. “Conjuramento-te pois, diante de Deus... que pregues a palavra, instes a tempo e fora de tempo.” II Tim. 4:1 e 2. Sem dúvida haveríamos de ficar ressentidos e até revoltados contra os conselhos.

Nós aceitamos e até citamos estas passagens para os outros. Mas fôssem as palavras de Paulo escritas e dirigidas a nós pessoalmente, quão diversa seria a reação. O homem por natureza é rebelde aos conselhos diretos e positivos.

Dentre os muitos conceitos encontrados nas epístolas Paulinas, queremos destacar este que se acha em sua segunda carta, capítulo dois, verso quinze. Diz êle: “Procura apresentar-te a Deus aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade.”

Há aqui implícito um conceito de perfeição. Apresentar-se a Deus e ainda *aprovado*. Isto é muito significativo, irmãos. Quantos de nós podemos apresentar-nos neste instante a Deus? Quantos de nós podemos fazê-lo, aprovados? Prossegue o apóstolo: “Como obreiro que não tem de que se envergonhar.” Quando meditamos sobre estas palavras e pesamos nossas ações, quando submetemos nossa vida íntima, particular a estas declarações, como nos sentimos?

Concluindo, êle acrescenta: “Que maneja bem a palavra da verdade.” Não é de pasmar que tantos *manejam bem a palavra*, mas sem a verdade?

Quantos sermões, verdadeiras peças literárias, temos ouvido. Quantas pregações desprovidas do significado VERDADE temos presenciado.

Nestas alturas poderão refutar: “Ninguém é perfeito.” Esta expressão ouvimos a todo instante, mas não representa a realidade. Deus unicamente é perfeito, e seria muita presunção do homem querer ser *igual a Deus* em perfeição. O homem pode *voltar a ser semelhante a Deus* como na criação. Êste é o verdadeiro sentido da perfeição necessária para obtermos a aprovação de Deus.

O texto que usamos como base para nossas considerações, inicia com “procura.”

Ninguém se põe a procurar alguma coisa que já esteja em suas mãos. Ninguém se põe a esperar passivamente que ela venha ao seu encontro. Semelhantemente devemos nos dispor a procurar uma maneira de apresentar-nos nas condições exigidas. Não estamos de posse da perfeição, mas ela está à nossa disposição. Alcançá-la, porém, exige esforço, perseverança, e acima de tudo, é preciso têmos a certeza de que a procuramos e onde encontrá-la.

Muitos fracassaram por combater no ar. Êste combater no ar é ficarmos com a natural imperfeição usando a evasiva: “Ninguém é perfeito.”

Fala-nos ainda o grande apóstolo: “Não que

já tenha alcançado ou seja perfeito; mas prossigo para alcançar...” Filip. 3:12. Nos versos seguintes diz êle: “Irmãos, quanto a mim, não julgo que o haja alcançado, mas uma coisa *faço*, é que *esquecendo-me* das coisas que atrás ficam e avançando para as que estão diante de mim, prossigo para o alvo.”

Meus queridos, não é maravilhoso e extraordinário sabermos que o velho guerreiro também lutara para conseguir a perfeição? Não é confortador saber que mesmo sua vivência com Jesus não o eximiu da luta?

Agora mesmo devemos nos pôr de joelhos e orar, pois nosso Pai está ansioso em nos *aprovar* para o santo trabalho em favor de todos os homens. Êle não deseja ver-nos acabrunhados e vencidos pela vergonha de nossa infidelidade para com a escolhida vocação.

Seja sincero consigo mesmo. É tempo de examinar a razão de seus insucessos. Diz a irmã White: “Há muita coisa na *conduta* do ministro que êles *podem* melhorar. Muitos vêem e sentem sua falta, todavia parecem ignorar a influência que exercem. Estão conscientes de suas ações ao praticá-las, mas permitem que lhes escapem da memória, e assim, *não se corrigem*.” — *Obreiros Evangélicos*, pág. 272.

“O aborrecível pecado do egoísmo existe em *alto grau*, mesmo em alguns que professam ser devotados à causa de Deus.” — *Ibidem*.

“Mas muitos não estão dispostos a olhar bastante longe e profundo bastante para verem a depravação do próprio coração.” — *Idem*, pág. 273.

“O conhecer-se a si mesmo *salvará* a muitos de cair em graves tentações e evitará muitas inglorias derrotas. Para conhecermos bem a nós mesmos é essencial investigarmos fielmente os motivos e princípios de nossa conduta, comparando nossas ações com a norma do dever revelado na Palavra de Deus.” — *Ibidem*.

Não olhemos para trás, mas para o que está para ser feito. “Levantai os vossos olhos e vêde,” disse Jesus. A seara está madura. A nós caberá a honra de participarmos da finalização da obra de Deus em favor do homem se formos aprovados em nossa vocação.

Para completar nosso pensamento, vamos provar que Deus não pede o impossível. São palavras do Senhor: “Êle te declarou, ó homem, o que é bom; o que é que o Senhor pede de ti, senão que pratiques a justiça, ames a beneficência e andes humildemente com teu Deus?” Miq. 6:8.

Se adotarmos isto como divisa nós seremos *aprovados* e estaremos desembaraçados de pés e mãos para manejar a palavra da verdade e o que é importante, NÃO TEREMOS DE QUE NOS ENVERGONHAR.

# FALA UM MEMBRO LEIGO

**LEONARDO CASON**

Membro Leigo, Associação de Oregão

**NOTA DA REDAÇÃO:** Em fevereiro do ano passado realizou-se em Gearhart, Oregão, um seminário de liderança que reuniu os anciãos e diretores de atividades leigas das igrejas da associação de Oregão. Pretendia-se animar os líderes leigos a assumir um papel mais direto na liderança da igreja local, e maior responsabilidade na apresentação de nossa mensagem. Logo após o seminário de liderança, realizou-se uma série de reuniões, de pastores, em vários distritos da associação. Em cada uma dessas reuniões, um dos membros leigos que assistira ao seminário de liderança foi convidado a apresentar o resultado de suas observações e reações ao seminário. A impressão que vamos ler é a de L. Cason, empreiteiro de obras na região de Portland. Julgamos que suas observações serão de auxílio, especialmente aos nossos pastores, ao considerarem suas responsabilidades, e auxiliados por consagrados membros leigos, conseguirem mais no sentido de maior progresso na edificação espiritual da igreja e na conquista de almas.

**O**S propósitos do seminário de liderança, aos quais dirijo vossa atenção, foram duplos:

1. Comunicar aos líderes leigos das várias igrejas alguns dos problemas que se apresentam à igreja como um todo, e aos pastores em particular.

2. Conseguir a boa vontade da parte dos líderes leigos, para ajudarem os pastores a desempenhar-se de suas responsabilidades, de modo que possam empregar mais de seu tempo no cumprimento de seus deveres primários.

O primeiro propósito, concernente aos problemas da igreja, foi apresentado de maneira positiva, e estou convencido de que nos comparamos do valor da mensagem. A igreja tem problemas, problemas arraigados, e as soluções não são fáceis. Mas duvido de que nossos líderes nos chamassem a Gearhart para estudar os problemas da igreja, com a esperança de receber de nós as soluções. O que queriam realmente estudar éramos nós — nossos problemas e nossos pastores. É este aspecto da reunião que quero estudar convosco.

Foi a palestra do Pastor Todorovich que motivou o estudo, expondo-nos a tarefa do pastor. O Pastor Todorovich apresentou-nos um homem apressado e mortificado na perseguição de suas atividades diárias, homem que vai de uma crise

a outra crise, de uma reunião de comissão a outra reunião de comissão, homem que realmente não tem o tempo necessário para fazer a obra de um pastor. Está ele, obviamente, sobrecarregado. Carece de auxílio.

**Nós Amamos o Pastor e Queremos  
Ajudá-lo — Mas...**

Compreenda-se desde logo que nós, leigos, temos a maior das considerações pelos nossos pastores. Amamo-los e queremos que se sintam felizes em seu trabalho. Não queremos que venham a padecer de males cardíacos ou esgotamento nervoso. Não queremos que fiquem desanimados em seu ministério nem tenham a impressão de que não sejam apreciados. Queremos que tenham tempo para gerar pensamentos nobres e elevados, que preparem sermões que sejam uma ajuda, e realizem obras boas, edificantes.

Não há dúvida de que os líderes leigos lhes podem ser de maior auxílio do que estão sendo. Aptidão temos em abundância (estou generalizando, é claro!), pois vejo que alguns líderes leigos têm cumprido quase todos os deveres de um pastor, inclusive o preparo e apresentação do sermão. A chave é conseguir a cooperação de um grupo de pessoas que preferiria recusar o auxílio.

Somos ligeiros em empenhar nossa inflexível dedicação à causa, nossa imorredoura fidelidade à igreja e seus programas, e isto fizemos em Gearhart. "Tudo que o Senhor ordenou, faremos." Parece muito familiar? Mas todos nós sabemos o que acontece quando nos distanciamos alguns quilômetros e algumas semanas de nosso compromisso. Talvez a batalha não esteja inteiramente perdida, pois pelo menos reconhecemos nossa fraqueza. Reconhecemos, também, que nossos fracassos aumentam o peso dos encargos do pastor.

Tendo isto em mente, apresento duas sugestões singelas, produto dos estudos no seminário.

## **Pastor, Tendes um Programa?**

Primeiro que tudo, tem de haver um programa. Tem de ser um programa aceitável a vós, pastores, embora possa ter-se originado com os líderes da Associação Geral, ou com o vosso predecessor, ou pode mesmo ser um programa rotineiro da igreja. Se não tendes um definido programa que vossa igreja se empenhe em seguir, preparai-o quanto antes. Fazei-o um programa unificado, que alcance a igreja toda. Não useis o método de espingarda-espalha-chumbo. Integrai sob a mesma rubrica todos os alvos e campanhas que de vós se esperam. A organização que existe em nossas igrejas atual-

mente é o melhor método de controle unificado, segundo o qual o pastor é o chefe titular da igreja, e o primeiro ancião e a comissão de anciãos, sob sua direção, realmente dirigem a igreja e seus sub-programas. Todos os programas se subordinam à comissão ou mesa de anciãos e ao primeiro ancião, ou ancião-chefe. Este plano de organização existe em teoria; infelizmente, porém, nem sempre na prática. Muitas vezes resulta numa sociedade de debates entre os anciãos, deixando com o pastor a tarefa a ser cumprida.

### Sabeis Delegar Podêres?

O próximo passo, sugiro, é o mais importante, e é o ponto ao qual se deve a maioria de nossos fracassos. Distribuí deveres! E fazei que cada qual saiba como cumprir o dever, como sua tarefa se adapta ao programa geral, e quais os alvos que dêle se esperam. Deve êle saber se teve êxito ou fracassou. Se trabalhais em conjunto com uma comissão de anciãos, ponde um ancião sobre cada departamento e fazei dêsse departamento a sua responsabilidade. Se tendes sistema diferente, certificaí-vos de que alguém seja o responsável, e saiba qual sua responsabilidade.

Quando falo em delegar podêres, quero dizer todos os deveres. Certificaí-vos de que todos os deveres estejam delegados. Vós sois o patrão da igreja, e a tarefa do patrão é ser patrão.

Uma vez livre de tôdas as ninharias da igreja, estareis em condições de concentrar-vos nas funções que devem constituir vossa primeira responsabilidade.

Bem reconheço não ter dito nada de novo, e que haveis de perguntar o que acontece quando um dêsses líderes deixar de fazer sua parte, e vossos superiores esperarem de vós os resultados. Quero acentuar que *vós não assumais* êsses deveres. Não deveis vós mesmos fazer o trabalho — deveis mandar que o façam. Esta foi a opinião dos líderes leigos em Gearhart. Se os líderes leigos não fizerem o trabalho, êste ficará então por fazer.

Prevaleceu a idéia de que vossa tarefa como pastor tem que ver principalmente com o coração, não com a maquinaria da igreja. Depois de haverdes feito vossa parte em organizar, delegar e instruir, vosso tempo deve então ser despendido em cuidar do bem-estar espiritual de vossos membros. Ao seguirdes êste plano, provavelmente ficareis surpreendidos com a preocupação que agora vossos líderes leigos demonstrarão pelo bem-estar da igreja, pois em última análise o estado de vossa igreja se determina primariamente pelo estado do coração de seus membros.

## Êste é o Momento

(Continuação da pág. 3)

com a inversão e a sementeira profusa que realizamos.

Em segundo lugar, devemos colher UNIDOS.\* Temos falado durante anos da diversidade de planos talvez antagônicos emanados de todos os departamentos e de todos os organismos da igreja. Conhecemos a desorientação que êsses planos produzem no final da linha — o pastor da igreja — quando êle veja que ao realizar o que um plano recomenda, talvez freará o que outro promete. E que antes que êsse produza frutos, já o calendário denominacional lhe colocou mais um que deve realizar, se quer ser um obreiro colaborador e disciplinado. Entretanto, pouco temos feito para sincronizar todos os planos em um só, dinâmico, unificado no que cada ramo da obra tenha sua participação, colaborando na consecução de um todo final, da mesma maneira como o pedreiro, o electricista, o carpinteiro, o pintor, se unem ao arquiteto, ao desenhista e ao calculador para que o edifício cresça. Em uma obra bem feita, o carpinteiro não desfaz do pintor, nem êste do electricista: todos trabalham em harmonia e colaboração.

A irmã White disse uma vez que "não poderia por mais tempo considerar a voz da Associação Geral, representada por êsses poucos homens, mas com a voz de Deus." — Testemunhos Seletos, Vol. 3, pág. 408. Esta declaração tem sido usada muitíssimas vezes fora de seu contexto. Por que ela o disse? Analisando as circunstâncias nas quais as Quadrienais de 1901 se desenvolveram, entendemo-lo. Havia seis comissões autônomas na obra, com planos e métodos próprios trabalhando separadamente, tôdas como parte do movimento adventista. A Associação Geral era uma das seis, pequena, isolada, sem maior autoridade. Não era assim a representação de todos os interesses da obra. A irmã White advogou por uma "reorganização e reforma." A reorganização foi realizada naquelas históricas Quadrienais de Battle Creek em 1901.

Agora não necessitamos "começar dos alicerces" como ela disse ser a necessidade daquele tempo. Os alicerces já estão firmes, somente se necessita fundir tôda nossa planificação e "colher unidos." Terá chegado o momento histórico para a América do Sul? Esperamos que sim.

A igreja não está morta, está viva. E sua vida deve ser tal que os fiéis que ainda estão na Babilônia que cai, saiam dela para formar "um rebanho e um pastor." Êste é o momento. Graças a Deus. — Rubén Pereyra

\* Ver os gráficos nas páginas centrais desta revista.

# Os Adventistas do Sétimo Dia Respondem a PERGUNTAS SÔBRE DOCTRINA

## VÁRIOS CONCEITOS SÔBRE O MILÊNIO

### IV. Pós-milenismo Medieval, da "Igreja Pura"

O agostianismo prevaleceu através da Idade Média, em vista do crescente domínio da igreja na Europa Ocidental. Mas com o passar do ano 1000 A.D., e a aproximação do ano 1260, surgiu um novo conceito. A teoria agostiniana esperava uma igreja *triumfante*. O medievo Joaquim e seus seguidores esperavam uma igreja *pura*.

Desvios eclesiásticos muito evidentes, por parte do Papado, tornaram impossível continuar a igualar a igreja visível com o reino de Deus na Terra. Assim o ideal medievo de igreja pura assumiu a forma de um novo pós-milenismo, no qual a idade áurea (porém não de mil anos) era colocada no futuro, precedendo o segundo advento. Severas críticas de leais filhos e filhas da igreja começaram a exigir reforma, insistindo num avivamento espiritual. Joaquim de Fiora (1190) acentuou um novo ideal milenista: o de uma igreja *pura*. Baseava-se no conceito trinitário-dispensacional: a era do Pai, a era do Filho e a era do Espírito Santo. (Não tinha isto, entretanto, nenhuma afinidade com o dispensacionalismo moderno.) Mantinha até que a prometida Era do Espírito começaria antes de 1260 A.D., segundo o princípio dia-ano. Uma era futura, assinalada pelo predomínio do Espírito, foi muito acentuada pelos "Espirituais Franciscanos," que afirmavam ser tão necessária a *purificação da igreja*, que coisa alguma senão a vinda do Espírito Santo, com grande poder, a poderia efetuar. Uma amarração futura de Satanás, assim como uma passada, foi ensinada por dois espirituais franciscanos, Pierre Jean d'Olivi (falecido em 1298), que castigou a igreja hierárquica como a "Babilônia," e Ubertino de Casale (cêrca de 1312), que identificou com a "bêsta" apocalíptica um dos papas. Arnoldo de Vilanova (falecido cêrca de 1313) aguardava uma reforma interna da igreja, efetuada por um papa. E Milicz de Kremsier (falecido em 1384) mantinha que a igreja tinha de ser purificada dos hereges antes da consumação. Assim foi muito proclamado

o ideal da igreja pura, e a derrota do anticristo, em relação com o futuro amarramento de Satanás.

Na agitação medieval em favor de uma reforma na igreja, ergueu-se um avolumante côro de vozes afirmando ser o papa o anticristo. Posteriormente os grupos reformados, que identificavam o anticristo como a igreja papal apostatada, semelhantemente conclamavam o povo a sair da poluída Babilônia. Assim também no protestantismo se acentuou a idéia da igreja pura. Alguns, porém, procuravam amalgamar o ideal medievo da igreja pura com o conceito primitivo, do reino da igreja triunfante, efetuado por uma revolução política e social, como notaremos na próxima secção.

### V. O Pré-milenismo Revive nos Tempos Pós-Reforma

Os grandes reformadores, preocupados com doutrinas como a justificação pela fé, não se preocupavam diretamente com o milênio. Continuavam com o ponto de vista de Agostinho, do reino milenial como sendo a igreja, embora houvesse forte ênfase em que o anticristo era o papado. Quando a Reforma se tornou um movimento de igrejas oficiais, os milenistas da igreja pura tornaram-se grupos marginais, tais como os anabatistas. Com efeito, as principais igrejas protestantes tenderam a desacreditar o milenismo, por causa dos excessos de alguns quiliastas, tais como os munzeritas, no continente, e, mais tarde, os homens da Quinta Monarquia, na Inglaterra, e por causa de elementos políticos e revolucionários em suas estratégias para introduzir o reino de Deus na Terra. Mas os elementos mais estáveis desses grupos marginais fizeram forte impressão sobre os batistas e congregacionais posteriores. Foi dessa fonte que as primitivas igrejas americanas se tornaram imbuídas do ideal de uma igreja pura, estabelecendo o reino de Deus antes da vinda de Cristo.

Foi depois do período da Reforma que José Mede combateu o ponto de vista agostiniano com o seu esquema de interpretação pro-

fética que de nôvo localizou o milênio no futuro, após o segundo advento, com primeira e segunda ressurreições literais. Daí por diante, floresceu no protestantismo um pré-milenismo histórico, com tamanho vigor que nunca foi abandonado completamente, mesmo através do período da ascendência do pós-milenismo de Whitby.

## VI. Pós-Milenismo de Whitby, do Século Dezoito

O pós-milenismo, introduzido por Daniel Whitby em 1703,\* afirma que o segundo advento só ocorrerá *depois de mil anos* — literais ou não — de melhora do mundo, com paz crescente, justiça e conversão do mundo. Pela eliminação da guerra e do mal, o mundo, assim como a igreja, iniciará a idade áurea. O pós-milenismo mantém que o milênio virá sem intervenção direta de Deus, sem nenhum acontecimento catastrófico — simplesmente pela operação do Espírito Santo mediante o evangelho e os comuns instrumentos de graça. Estabelecer-se-á no mundo um governo verdadeiramente cristão, vencido Satanás de uma vez para sempre. Durante êsse tempo os judeus se converterão, mas não necessariamente com a restauração nacional na Palestina.

Foi profundo o efeito dessa nova hipótese sobre o protestantismo. Quando os homens começaram a contemplar um grande panorama de paz e segurança, deixaram de estar ansiosos pela vinda de Jesus, substituindo pela volta de Cristo a expectativa da morte. E esta cativante teoria pós-milênio abateu-se qual vaga avassalante sobre o protestantismo europeu. Introduzido na América por Jônatas Edwards e Samuel Hopkins, tornou-se a idéia dominante pelo ano de 1800.

Os pós-milenistas mantêm que a "prisão" e a "sôlta" de Satanás são linguagem figurada — a limitação do poder de Satanás e um possível incremento dêsse poder justamente antes do aparecimento de Cristo. Mas depois de derramadas as taças da ira de Deus, os ímpios que restarem serão destruídos. Então se estabelecerá o reino eterno. O fato de que o evangelho já foi vastamente pregado e aceito, empresta plausibilidade à opinião de que o mesmo processo prosseguirá de forma aumentada, até que o mundo esteja evangelizado e cristianizado.

\* Whitby negava os conceitos comuns da primeira e segunda ressurreições literais, afirmando que a primeira "ressurreição" era simplesmente a gloriosa renovação da igreja. O segundo advento, afirmava êle, é simplesmente uma "efusão" espiritual. Para Whitby os santos da Terra são separados de Cristo durante o milênio, visto como Cristo e os mortos dos séculos passados estão todos no Céu. Whitby termina o período com a descida do Senhor, acompanhado dos espíritos de homens justos aperfeiçoados. Este advento pós-milênio traz o dia do juízo, com a destruição dos pecadores restantes, e a salvação eterna para os santos.

Enquanto Campégio Vitranga acreditava que a segunda ressurreição era a dos mortos literais, Whitby a explicava como o surgimento dos princípios anticristãos, na confederação de "Gogue e Magogue." De acôrdo com Whitby e Vitranga a "Nova Jerusalém" é a beatitude da igreja terrestre durante o milênio. Ao contrário, Brown e Faber a interpretaram como a multidão de santos depois do milênio.

O pós-milenismo "otimista," que mais tarde se vinculou com a teoria da evolução e do progresso humano, por muito tempo censurou o pré-milenismo por seu "pessimismo." Antes da primeira Guerra Mundial, os pós-milenistas declaravam que a humanidade fizera progressos demasiados para que houvesse outra guerra. Mas mesmo enquanto os compeões de tão rósea filosofia negavam as claras afirmações da Palavra, desabaram as mais horríveis catástrofes de todos os tempos. Os acontecimentos das últimas décadas, desde a primeira Guerra Mundial, inclusive a impotente Liga das Nações, a segunda guerra mundial e sua seqüela — tudo revelou a falácia de semelhante raciocínio, e têm desmentido essas pretensões. O pós-milenismo de Whitby está hoje falido.

## VII. Ressurge o Pré-milenismo no Século Dezenove

1. *Revive o Pré-Milenismo.* — No princípio do século dezenove houve um ressurgimento do pré-milenismo, no vasto despertar adventista do Velho Mundo e no Movimento Adventista do Nôvo Mundo. Diz-se que trezentos clérigos anglicanos e setecentos clérigos não-conformistas da Inglaterra — além de muitos outros no continente, no Norte da África e na Índia — acentuavam a breve destruição do Papado e do Turco, a primeira ressurreição literal e a trasladação dos santos por ocasião do segundo advento, assinalando o princípio do milênio, com a segunda ressurreição no seu término. Alguns mantinham que o juízo precedia o advento, seguido pela renovação da Terra, ao final do milênio. Outro ponto de vista avançou-se vivamente: o domínio antecipado seria exercido pelos judeus na Terra, estando a igreja no Céu, ou pelo menos num estado glorificado.

Esses pré-milenistas eram chamados literalistas, em contraste com os espiritualizadores pós-milenistas. Êsses pré-milenistas, que a princípio eram historicistas, sustentavam que, antes do segundo advento, o anticristo juntaria seus seguidores para um derradeiro assalto ao povo de Deus e instituiria uma horrível tribulação, pela qual a igreja teria de passar. Então, no final da tribulação, Cristo apareceria, ressuscitariam primeiro os mortos em Cristo, numa ressurreição literal, sendo trasladados os santos vivos, e arrebatados para irem ao encontro do

Senhor nos ares. Afinal, terminado o milênio, Satanás seria solto e reuniria as nações para guerrearem contra os santos. Mas todos seriam derrotados, pelo fogo do céu.

2. *O Arrebatamento Secreto Introduzido na Inglaterra.* — Cedo se introduziram inovações radicais, quando Edward Irving e outros espousaram o futurismo. A Igreja Católica Apostólica fundada em 1832 por Irving (alegando promover o reavivamento do apostolado, da profecia e do falar línguas), introduziu o conceito de um "arrebatamento secreto,"\* e um novo sacramento — o "selamento." Babilônia, mantinham eles, era a igreja corrupta, já agora madura para o juízo. A grande tribulação viria entre a ressurreição dos justos e o "arrebatamento" dos santos, e a destruição de Satanás — isto seguido do milenar reino de Cristo e Seus santos na Terra.

Pelo mesmo tempo, os Irmãos de Plymouth, seguindo J. N. Darby, ensinavam semelhantemente um arrebatamento pré-tribulação, como o início da vinda de Cristo para os Seus santos. Colocavam o anticristo e sua perseguição de três anos e meio depois da vinda de Cristo para a primeira ressurreição, na retardada septuagésima semana, em cujo final haveria outra vinda visível, ou "revelação" de Cristo com os Seus santos, para julgamento das nações vivas. Enquanto os seguidores de Irving criam que um "selamento" proveria o escape da grande tribulação, Darby mantinha que nenhum cristão haveria de sofrê-la. A Darby também se deve a introdução do dispensacionalismo, embora não lhe fôsse inteiramente novo. Os ensinamentos desses dois grupos, os seguidores de Irving e os de Darby, especialmente deste último, tem influenciado profundamente o pré-milenismo fundamentalista da atualidade.

## VII. O Pré-Milenismo Americano do Século Dezenove

Na América o novo pré-milenismo opôs-se vigorosamente ao pós-milenismo, fortemente entrincheirado, que floresceu no Novo Mundo, com seu ambiente de reforma, utopismo e róseo e generalizado otimismo quanto à perfectibilidade dos homens. \*\*

1. *Movimento Adventista Pré-Milenial do Novo Mundo.* — O vasto movimento do advento

\* Um dos Irmãos Plymouth, o Dr. S. P. Tregelles (*The Hope of Christ's Second Coming*, 1864, págs. 34-37), contemporâneo, diz da origem dessa "teoria da vinda secreta de Cristo."

"Não me consta que houvesse qualquer ensino definido sobre haver um Arrebatamento Secreto da Igreja, por ocasião de uma vinda secreta, antes que isso fôsse exposto como uma 'declaração' na igreja do Sr. Irving mediante aquilo que era então considerado como sendo a voz do Espírito. Mas quer tenha alguém asseverado isso, quer não tenha, foi dessa suposta revelação que surgiram a moderna doutrina e a moderna fraseologia a seu respeito. Proveio, não da Santa Escritura, mas daquilo que falsamente pretendia ser o Espírito de Deus.

do Novo Mundo, na quarta e na quinta década do século dezenove, congêneres do despertar do Velho Mundo, foi dirigido por um milhão de arautos pré-milenistas. Foi um movimento inter-denominacional, superando o do Velho Mundo em extensão, intensidade e clareza. Ele incluía o movimento milerita, com 100.000 adeptos prováveis. Todos, inclusive os literalistas, eram ardorosos pré-milenistas, sustentando que o período milenial seria introduzido pelo segundo e pessoal advento de Cristo, e limitado pelas duas ressurreições literais. Alguns ensinavam a restauração dos judeus, e outros pontos de vista, derivados dos escritos dos literalistas britânicos; um, pelo menos, cria na teoria do arrebatamento, embora a septuagésima semana separada fôsse uma importação posterior. Eram historicistas, com um anticristo papal (ou maometano). Desenvolveu-se posteriormente o futurismo entre os pré-milenistas americanos. Os literalistas eram pelos mileritas considerados irmãos e aliados contra o pós-milenismo, na proclamação da "proximidade do advento," malgrado suas divergências quanto à natureza do milênio.

Os literalistas discordavam dos pós-milenistas em relação à maneira do estabelecimento do reino milenial, e também, de modo sensível, quanto à natureza do reino. Entretanto, concordavam com eles em separar o milênio do estado eterno; criam que as nações irregeneradas estariam ainda na Terra, havendo nascimentos e mortes, pecado e arrependimento. Havia uma confusão de pontos de vista acerca da relação dos santos glorificados com as nações irregeneradas, e da parte desempenhada pelos judeus, e também quanto ao cumprimento das profecias que levavam ao milênio, que uns esperavam viesse com a restauração dos judeus, outros com a purificação da igreja, ou com a queda do papado, ou do maometismo ou dos turcos, ou algum outro acontecimento.

2. *Os Mileritas Introduzem Novo Conceito Acerca do Milênio.* — Através deste emaranhado de expectativas mileniais em conflito, Guilherme Miller e seus associados abriram uma picada limpa em direção de um conceito novo e diferente. "Não há milênio temporal," diziam. Com

\*\* Inteira e à parte do grande movimento adventista de Miller e seus associados, e em grande parte anterior a ele, houve na América várias organizações pequenas, excêntricas, quiliastas ou utópicas, que praticavam a vida em comum. Algumas introduziram um quiliasma estranho e sectário, político, teosófico ou dispensacional, mas afirmavam que o reinado dos santos seria com Cristo na Terra, durante os mil anos. Esses, em graus diversos, combinavam suas excêntridades com o pré-milenismo ou o pós-milenismo, mas acentuavam, juntamente com suas excêntridades, os ideais familiares da igreja pura e o reinado quiliasta, terrestre, dos santos com Cristo.

isto queriam dizer que o reinado milenial não se daria durante o "tempo," presentes ainda a morte, a decadência e o pecado, mas que seria o primeiro estágio do estado eterno. Mantinham que, quando Cristo vier outra vez, estará terminado o dia de graça dos homens, que todos os pecadores serão destruídos pelo avassalador brilho de Sua segunda vinda, e que todos os remidos ressurgirão ou serão transformados, para a eternidade. Ensinavam que a Terra será renovada pelo fogo, e que nela se iniciará o reino da eternidade — apenas interrompido, no final de mil anos, pela destruição dos "outros mortos." Isto é, os pecadores ressurgirão e, dirigidos por Satanás já solto, tentarão tomar de assalto a Cidade Santa, que terá descido do Céu à Terra; e então virá o juízo final e a execução da sentença sobre os ímpios.

Negavam assim os mileritas, por um lado, a espiritualização pós-milenista do milênio, que fazia dêste uma utopia, e por outro lado o literalismo milenista, que requeria cumprimentos pormenorizados, após o segundo advento, das profecias do Antigo Testamento quanto ao domínio de Israel sobre as nações seculares.

### 3. *Distingue o Milerismo um Milênio Não-*

*Temporal e Não-Judaico.* — O ponto de vista milerita, de que durante o milênio apenas os santos imortalizados estarão vivos, abrangendo judeus e gentios remidos, sem distinção, eliminou de um só golpe tanto o aspecto temporal como o judaico, do reinado milenial. Isto, e não o marcar data, foi a diferença básica que colocou os mileritas à parte de seus contemporâneos, tanto pré-milenistas como pós-milenistas.

Houve, em ambos os campos, oponentes de Miller, os quais marcavam aproximadamente o mesmo tempo que êle, ou para o comêço do milênio ou para o segundo advento, ou ambos, mas que atacavam o ponto de vista milerita, de que o milênio seria o princípio do estado eterno e não uma idade áurea da igreja ou o reinado dos judeus (por exemplo, George Bush, pós-milenista, e Ricardo Shimeall, pré-milenista). Infelizmente hoje só ficou na lembrança a *decepção dos mileritas*, porque suas esperanças eram mais específicas, mais espetaculares e foram mais amplamente publicadas. Conviria lembrar que os outros também estiveram em êrro, e suas datas também passaram sem que se realizassem os gloriosos acontecimentos que esperavam.